GUILHERME DE HUMBOLDT E A FILOSOFIA DA LINGUAGEM

Na história das idéias lingüísticas é decisiva a presença da obra humboldtiana.

Rumos essenciais do pensamento aí expresso ainda se verificam à análise de teorias modernas da linguagem.

Não cessa, destarte, o interesse por essa produção intelectual e nem perdem a atualidade os que dela se ocupam.

Neste pequeno livro (1) o escritor espanhol trata da personalidade e das idéias filosóficas do pensador tedesco, consideradas em geral e na órbita da problemática lingüística. Isto na primeira parte do volume. Na segunda, expende considerações críticas sobre o pensamento de quatro figuras que atualmente sobressaem no campo dos estudos teóricos e filosóficos da linguagem: B. Croce, K. Vossler, K. Bühler e E. Cassirer, cujas idéias fundamentais coloca em presença de determinadas concepções trazidas por Humboldt. Há ainda, nesse tomo, uma parte que consta da versão ao espanhol, parcialmente reduzida, de trechos do livro que parece encerrar os elementos conceptuais mais significativos, para a elaboração de uma teorética lingüística do pensador germânico: a sua conhecida publicação "Sobre a diversidade da estrutura da linguagem humana e seu influxo na evolução espiritual da humanidade".

Começa Valverde por efetuar o enquadramento ideológico de Humboldt no romanticismo alemão, anotando, todavia, que a sua primeira etapa espiritual decorrera na atmosfera iluminista e da ilustração, da qual depois se libertou.

Para levar-nos à compreensão da personalidade intelectual objetivada, o autor encara em daus etapas a sua trajetória mental: uma, anterior à entrada no âmbito da Lingüística, fase em que deve ser examinada se não como a de um filósofo, ao menos como a de um pensador filosófico e humanista; e

outra, de caráter genuíno e peculiar, em que se revela a sua preocupação teórica pela linguagem.

Busca, então, deslindar a posição gnoseológica e metafísica de Humboldt, que – como é sabido – não se apresenta completamente distinta e livre de obscuridades.

Valendo-se embora, às vezes, de algumas sínteses de Roberto Léroux, focaliza pontos básicos à possível elaboração da idéia última e abstrata do seu analisado, e denota, assim, percuciente atividade mental, visto que o pensador germânico não costumava se exteriorizar em processos relevadores de autêntica sistematização.

Aliás, num dos capítulos mais ressaltáveis desta obra, aquele em que é apreciado o estilo de Humboldt, encontra-se um desenvolvimento fértil em matizes expressivos, fundamentado nessas considerações centrais que atingem a forma estilística humboldtiana.

Valverde frisa que o pensador alemão em sua obra fundamental apresenta "uma alternância de três modos principais: a reflexão sobre o ser da história e da humanidade, exposta de maneira um tanto vaga e difusa, a acumulação positiva de obervações lingüísticas, e, por fim, a teoria da linguagem, que não está organizada sistematicamente e em forma arquitetônica, mas em caráter intuitivo e descontínuo, ainda que com férrea conseqüência e sem a mais leve contradição ou divergência".

A falta dessa unificação sistemática do saber é que motiva a discussão em torno do caráter filosófico ou extra-filosófico da obra de Humboldt, o qual chegou a declarar "deve seus mais valiosos pensamentos básicos a um feliz acaso, a certo impulso".

Pois, como ensina Nicolai Hartmann, o pensamento filosófico há de ser sempre sistemático ainda que com ele não se suponha a exigência de construir grandes sistemas. E o certo é que não se faz mister aludir aqui a "rigorosa atitude construtiva", ou "vontade de criação arquitetural", próprias das altas criações filosóficas; em se tratando de Humboldt, nem mesmo aquele "pensamento sistemático" poderá ser levantado integralmente, para o esboço de uma metafísica própria, anterior ao seu ingresso definitivo no mundo teórico da linguagem.

Indica-o seguramente o escritor ibérico que, aliás, com firmeza traça a evolução intelectual de Humboldt e aponta as influências sofridas por ele, desde as mais remotas, de Leibniz e Spinoza, até as de Kant, Goethe e Shiller, caracterizadas depois da sua reação, em plena maturidade, contra o racionalismo do século XVIII, em que iniciara a sua marcha espiritual.

Delimita o escritor a atuação kantiana sobre as idéias de Humboldt – a seu ver – apenas acusada estreitamente, de modo rigoroso, com relação à teoria estética, em que o filósofo trata do belo não como expressão mas como

percebido. No marco do criticismo pós-kantiano, que parecia circunscrever o seu pensamento, salienta o autor a distinção que opera a "força vital" (Lebenskraft), transmitindo substância peculiar àquele "idealismo ativo e dinâmico" apontado no substrato filosófico original de sua obra pré-lingüística.

Com referência a Shiller patenteia os vínculos ideológicos quanto ao romanticismo, apreciado tanto na esfera do idealismo dinâmico, como no atinente à idéia de formação espiritual e da cultura como conferidores de sentido ao desenvolver progressivo da natureza.

Não é tão preciso ou não realiza cabal e nitidamente a ordenação expressiva, no tocante à afinidade entre as idéias de Kant, Schiller e Humboldt no plano moral e sobre o sentido da história, que o primeiro não busca em si mesmo mas na consciência moral, na reflexão ética sobre a natureza.

Confrontem-se, a propósito, o ideal da "alma bela", concebida por Shiller, com o do homem do dever, ligado ao "imperativo categórico" Kantiano. Para Humboldt não obstante a identidade com o mestre em reconhecer o valor do homem no caráter, o caminho para a formação deste se acha na modelagem do espírito, o valor moral é dependente da "cultura" humana.

Pensador otimista, convencido da progressividade do futuro, ao menos em sentido cultural e intelectual da humanidade, mas otimista só por idealista, em um orbe nebuloso, sem alegria de claridade — sintetiza lucidamente Valverde, entre algumas formulações críticas de teor negativo.

Finalmente, eis-nos chegados aos trechos capitais em que se acha exposta a idéia humboldtiana da linguagem.

Abrangem eles duas secções, que estabelecem entre si uma rede mais ou menos cerrada de conexões ideológicas: a primeira apóia-se em numerosas citações do próprio Humboldt, "joeiradas e selecionadas em toda sua obra, e organizada com certo sistematismo"; a segunda, em que o autor procura efetuar "uma reelaboração em termos próprios e modernos de aludida teoria".

Sem dúvida, nesta última parte é onde se encontra mais definido o intento de uma redução analítica da teoria humboldtiana.

Com a sensível modéstia que o atinge às vezes, o autor não enxerga no seu esforço um desígnio propriamente crítico e a elaborada sinopse cujos elementos submete à sua acuidade mental, para ele é como se fosse destinada a um programa de lições, com um possível "guión de clase" muito rápido para cada um dos seus onze pontos. Intitulam-se estes: natureza da união do pensamento e da linguagem; problema da relação desta filosofia da linguagem com a linguagem filosófica em geral; condição original da linguagem do homem, como nota fundamental da dignidade humana; acordo e desacordo

desta concepção com o idealismo; linguagem e sociedade; anterioridade da linguagem a toda sociedade e exigência social da linguagem; sucessividade e temporalidade da linguagem; integridade expressiva da linguagem; o problema da sua divesidade de dimensões; consideração metafísica da linguagem entre o objetivismo e o subjetivismo: nem criação nem passividade; a linguagem como individual e como coletivo – objetividade lingüística e objetividade metafísica; dinamicidade e fluência da linguagem; teoria da palavra diante do conjunto da linguagem – palavra e conceito – a palavra, de sujeito a sujeito.

Tem razão o autor em enfatizar o significado dessas duas partes, no conjunto do trabalho. Nelas se expõem e discutem os problemas que reclama o sentido capital da obra anunciada. Problemas teóricos da linguagem, centrados num plano filosófico, nunca estreitamente psicológico, a que suficiências positivas talvez encaminhassem; questões suscitadas à margem e dentro das idéias enunciadas por Humboldt, no curso da sua difícil e vasta produção intelectual.

Ao comentar uma definidora série de juízos sobre a linguagem, elaborados por Humboldt, Valverde tece algumas considerações que merecem ser registradas, embora não as julguemos basicamente originais.

Para ele aquela proposição enunciada pelo pensador germânico – a linguagem é a forma de operação do pensamento, isto é, o pensamento funciona com linguagem, mediante a linguagem, constitui uma idéia-eixo, pois, no fundo, "a concepção lingüística de Humboldt é uma só intuição, que é mister, porém, explicar de diversos pontos de vista". Em outro passo, conclui que "a idéia humboldtiana nem pertence a um idealismo criativo, nem a um realismo para o qual os objetos estejam aí sem nada mais, plenamente constatáveis ante a mirada intelectual; pelo contrário, a linguagem, segundo ele (Humboldt) é uma mediatização simbólica, em que o símbolo não é mero signo substitutivo e convencional, mas sim, conjunção intermédia".

E não esquece de acentuar o caráter genético que deverá apresentar toda definição verdadeira da linguagem, pois que ela – segundo o próprio Humboldt – não é um produto (Ergon), mas uma potência (Enérgeia) ação, atividade.

Encontra-se, ainda, nesta parte do livro, um valioso pequeno capítulo em que o autor expende juízos "sobre o problema do sentido do termo filosofia da linguagem e da sua aplicação ao pensamento de Guilherme de Humboldt".

Pelo seu tom enunciativo, conclusivo, o conteúdo do mesmo, em que se poderá vislumbrar o pensamento a se desenvolver em rumos dialéticos, se nos afigura em condições de revelar, melhor do que qualquer outro, a peculiaridade do raciocínio do autor. Em síntese, para Valverde a concepção humboldtiana da linguagem deverá antes ser chamada de uma "filosofia como linguagem" ou, mais claramente, de um "filosofar como linguagem".

Pois, ainda que o sentido último da realidade e da vida de Humboldt continue sendo o mesmo – "mais ou menos idealista assentado sobre um sentido primordial da espontaneidade do espírito" – a linguagem, nessa segunda fase de sua vida mental, se faz para ele "qualquer coisa primária e total e, por conseguinte, afeta, em sua raiz, o fato mesmo do pensar e do filosofar – não a filosofia como conteúdos – estruturando-os de cima abaixo em outra forma". Seu caminho intelectual, sua condição possivelmente filosófica, alteram-se "porque, para ele, a linguagem não é qualquer cousa com que se encontra a filosofia, mas que está em sua própria base; mais ainda, o filosofar ocorre mediante a linguagem e, portanto, ainda que seu orbe de objetos reais e fatos espirituais continue sendo o mesmo e conservando o mesmo sentido, sua filosofia como atividade mudou de signo ou, melhor, foi absorvida pela linguagem que não é para Humboldt a língua, nem a terminologia, nem as expressões concretas formuladas, porém alguma coisa mais geral e anterior, o próprio modo de operação da mente".

Para nós é esse o centro intelectual da obra de Valverde, aquele ponto alto de valores determinativos e críticos do seu trabalho, que ressalta à nossa compreensão e, por certo, também resulta, secretamente, obra de sua própria vontade hierarquizantes. Aliás, não de todo secretamente, pois,logo no prefácio, deixa patenteado, na qualidade de crítico da obra literária, que também fora razão instigadora dessa sua tarefa o desejo de carrear bases filosóficas para uma crítica dotada de autonomia, possuidora de linhagem filosófica, mas não subsidiária de um sistema filosófico. A inspiração fundamental ao conceber esse processo crítico, "cimentado na própria linguagem como realidade primária", teria ele encontrado na mesma lingüística filosófica de Humboldt, em que a linguagem representa "o próprio modo de operação da mente".

Esse ponto de partida para um anelo de atividade mental, no escritor espanhol, torna possível captar as raízes de sua estimação profunda do autor germânico.

§§§

De uma órbita de critérios valorativos, possivelemente idêntica à que serviu de base a W. N. Urban para formular as suas distinções entre filosofia e ciência da linguagem, (2) há de ter partido o ensaísta espanhol, ao preferir obras de Croce, Bühler, Cassirer e Vossler para representar momentos significativos da História da filosofia da linguagem em confronto com as idéias lingüísticas de Humboldt ainda que declare haver realizado a sua escolha de forma mais ou menos arbitrária.

Basta, nessa ordem de idéias, seguir o esforço que empreende para demonstrar as qualidades intelectuais de filósofo reveladas por K. Bühler, que

é considerado psicólogo e faz questão de julgar extrafilosófica a sua própria obra lingüística. O propósito fundamental desta segunda parte do livro do ensaísta consiste em patentear a sobrevivência atual do pensamento humboldtiano – "fruto maduro do tempo, e não ocorrência solitária e extravagante" – ao menos em determinados aspectos que, aliás, nem sempre poderemos julgar essenciais. E isto, decerto, enfraquece a justificativa lógica da escolha, dado que a identidade de juízos particulares pode ser coincidência acidental e não expressar verdadeira relação genealógica, ou mesmo, simples mas profunda tomada de consideração, quanto ao corpo teórico originário, em sua completa estruturação ideológica. Não fossem a agudeza mental, o domínio dos temas e a circunspecção espiritual reveladas pelo escritor, com um pouco de exagero talvez, poderíamos recear, neste ponto, o perigo de um daqueles paralogismos (ou sofismas) a que se denomina de **ignoratio elenchi**, ou seja, hábil desvio da argumentação capaz de mover ânimos desprevenidos em determinado sentido. Todavia, cabe-nos acentuar que Valverde esclarece, logo de início, não encarar do mesmo ângulo comparativo, em relação ao pensamento de Humbdolt, as teorias dos três autores germânicos e a doutrina da expressão de Croce, em cuja análise ele vê apenas "um capítulo de enlace" com os outros trechos da obra atinentes àqueles pensadores.

A nosso ver, , porém, a distância maior das idéias de Humboldt não se acha em Croce, mas em Bühler, que, em sua "Teoria da Linguagem" dos ângulos que situa os problemas, recorre– como bem sintetizou Julián Marias – aos dados positivos da Lingüística, aos da Psicologia, de que é mestre consumado e aos da Filosofia mais recente, em especial à fenomenologia de Husserl.

Seus pontos de contacto com o pensamento lingüístico de Humboldt são, em última análise, bem reduzidos.

Apenas, de modo claro e positivo, pode referir-se à conclusão de que a linguagem é a expressão do homem integral.

Talvez o interesse precípuo, ao se enfrentarem as concepções dos dois mestres, ressalte como simples oposição, que Valverde, para amenizar a diversidade decisiva, insiste em comparar à oposição nas duas faces de uma moeda: "acordes, porém, contrárias".

Karl Bühler, é sem dúvida, grande teórico da linguaem, em cuja obra há quem enxergue avanço significativo nos conhecimentos existentes, antes da mesma, sobre a matéria.

Teve, de fato, intensa repercussão a sua análise funcional da linguagem, em a qual acentua três funções primordiais, que não se resolvem em unidade: a manifestação anímica, a atuação social ou apelo e a representação mental, cabendo a esta última a primazia hierárquica, pois a linguagem é, para ele, em primeiro lugar, produto intelectivo. Entretanto – frisa o escritor espanhol –

para que não fique incompleta esta tese devem ser acrescentados os dois últimos axiomas de Bühler: o da dualidade de "lingugem-ato e linguagem-produto" e o da dualidade de "palavra contra oração".

A primeira dualidade corrige as outras célebres: **ergon-enérgeia, de** Humboldt, e **langue-parole**, de Sanssure . E, enfim, a plenitude das três funções só alcançado o estádio da frase se realiza, sem dúvida na linguagem não obstante se saiba que esta consiste precisamente no acordo sintético de palavra e frase.

Observa o autor que, na linha de um espiritualismo intelectualista, Bühler alcança o que, em termos lingüísticos, se considera o reinado da gramática pura, a qual se acha em ligação com a teoria da significação elaborada por Husserl e recebeu deste pensador fecundos e ricos materiais, bastante valorizados atualmente graças à lógica matemática.

Dentro dos lineamentos intelectuais que se traçou Valverde nesta obra, encontramos aí um dos raros pontos fracos da sua exposição.

Fazendo embora manter a influência que o pensamento de Husserl exerce sobre um grande ramo da lingüística moderna, a que "há dado rango filosófico". não se detém acerca do mesmo, ainda que fosse para opô-lo ou contrastá-lo ao sentido fundamental da lingüística humboldtiana.

O importante significado do tema estava a exigir desenvolvimento expositivo e crítico mais demorado.

Nomes como o de L. Hjelmslev, cuja Glossemática tende a fazer da Lingüística parte importante da logística, não podia deixar de surgir nesta obra, ainda que incidentemente.

A propósito de Ernst Cassirer, cuja obra é fruto de inteligência conformada em estruturas filosóficas menos discutíveis, o autor do volume efetua brilhante exposição, em que evidencia a faculdade de penetrar, plasticamente, não só nos caminhos centrais do pensamento do filósofo, mas nos seus desvios e encruzilhadas mais característicos.

Busca as afinidades, examinando em primeiro lugar as próprias idéias de Cassirer sobre a linguagem exposta no primeiro volume da "Filosofia das Formas Simbólicas", e o conteúdo do pequeno capítulo integrante da parte da história dessa obra, dedicado a Humboldt.

Esclarece o significado gnoseológico da forma simbólica – "mediadora entre o numênico e o subjectivo e fundadora do que é cosmos, propriamente "mundo".

E, não obstante julgue distanciada e friamente objetiva a maneira de Cassirer tratar a produção do seu compatriota, declara que um sumário repasse do pensamento lingüístico do primeiro revela a sua estirpe humboldtiana, mesmo nessa etapa inicial das suas concepções lingüísticas, vincada pela idéia Kantiana de forma e com o eixo da sua atividade mental situado no problema crítico.

Acentua, porém, que onde o encontro das idéias se apresenta com mais nitidez é no ensaio "a linguagem e a construção do mundo dos objetos", em que o filósofo de Marburgo não se prendendo tanto, de modo explícito, à filosofia das formas simbólicas, entra – ao seu juízo – em humboldtismo quase puro, partindo daquela fórmula da "adesão do pensamento à palavra".

Lastimamos apenas que o ensaísta espanhol não atentasse devidamente às novas orientações recebidas pelo pensamento de Cassirer em suas últimas fases, quando, por exemplo, exige para compreeensão essencial da linguagem o recurso a uma fenomenologia de percepção.

E o "ingrato apoucamento" que descobre na valorização final de Humboldt não parece expressar o sentido autêntico das proposições de Cassirer. Ressaltando este o método pelo qual Humboldt transmitiu fertilidade e importância à sua concepção da linguagem – "o duplo movimento com que passa constantemente do fenômeno à idéia e da idéia ao fenômeno" – conclui que uma nova abordagem à ciência lingüística foi requerida e se fez possível, através deste exame geral da linguagem.

Sendo assim, delineia o significado da posição de Humboldt ao processo histórico das idéias lingüísticas, a apontar uma via de acesso às correntes teóricas que lhe sobrevieram.

Em seus dois livros "Positivismo e Idealismo na Ciência da Linguagem" e "Linguagem como Criação e Evolução", Karl Vossler denota evidente influência de Hegel, mas apresenta não menos distinta linha de conexão com Guilherme de Humboldt – pondera Cassirer, ainda naquela parte da F.S.S., de sentido histórico.

José Maria Valverde destaca, no seu livro, os influxos recebidos e as marcas deixadas por aqueles filósofos na obra do eminente hispanista alemão, não esquece, porém, de insistir na sua filiação croceana.

A concepção da linguagem como **enérgeia** atividade, "de que os fatos linguísticos se tornam perfeitamente compreensíveis apenas se nós os esboçamos por trás das ações espirituais de que se originam", é renascida por Vossler, em ambiente histórico novo e diversamente condicionado.

Adotando ele esta posição espiritualista, levantada por Humboldt, tornou-se o seu revolucionário moderno, a investir naquelas duas obras contra o positivismo dos neogramáticos, a que o ato espiritual da produção lingüística deveria, por princípio, ser retirado da cogitação científica.

Seu encontro com a obra de Benedetto Croce, precisamente a "Estética como Ciência da Expressão e Lingüística Geral", foi ocorrência significativa, embora haja quem o considere, sob certo aspecto fundamental, capaz de se tornar perigoso à filosofia da linguagem.

Os pontos de cruzamento ideológico de neohegeliano Croce com Humboldt, do ângulo da teoria lingüística, não escapa ao autor do volume.

Efetivamente, no trecho da própria obra do filósofo italiano, dedicado a esse pensador germânico, se nos deparam expressões, que refletem apreço intelectual pelo homem e as suas idéias.

Para Croce, trouxe eles novos juízos sobre a linguagem, que se mostram junto a velhos resíduos intelectualistas.

Considerando descoberta de Humboldt o conceito de forma interior da linguagem (**innere Sprachform**) a qual se une ao som físico por obra de uma síntese interna, assinala que ele invoca, neste ponto, "a arte nos modos mais profundos e inexplicáveis da sua elaboração". Adverte, contudo, logo a seguir, que, para o pensador tedesco, os procedimentos do artista e do falante são sempre comparáveis por analogia e não idênticos como na sua concepção unificadora, que só nos proféticos aforismas de Vico se lhe depara menos imperfeitamente.

De Croce recebeu Vossler, principalmente, a consideração do estético como essencial e básico do fenômeno humano da linguagem e, graças a essa influência, elaborou uma conceção lingüística em que se valoriza o estudo do idioma em seus aspectos estilísticos, de criação de iniciativa pessoal.

Assim, permanece livre daqueles germes de naturalismos e determinismos que o próprio Croce denunciava em Humboldt, ao formular estes juízos em que a linguagem é concebida como coisa separada dos falantes, subsistente por si mesma.

A Estilística, que procede da teoria idealista ou espiritualista da linguagem, adotada por Vossler, ocupa hoje lugar proeminente nos domínios da crítica literária, com o estudo da obra na totalidade do seu contexto, crítica essa que, sendo imanente à produção literária, buscará no centro desta o espírito do criador, a constituir o seu princípio de coesão interna.

O importante da contribuição vossleriana à história do pensamento lingüístico está em que ela sobrepuja a unilateralidade conceptiva de Croce, estaticista, baseada no ato intuitivo inseparável da expressão, com desprezo filosófico pela empiria e a história das línguas. Vossler inclui em seus planos de investigações a pessoa concreta do falante, em que se manifestam outros atos espirituais além do estético, e atribui o devido lugar, deste modo, ao estudo científico das línguas, "constituídas como entidades funcionais e como sujeitos de história".

Fundamentado em concepção monista e dinâmica, opõe-se vigorosamente a Ferdinand de Saussure, que busca emprestar autonomia ao lado social da linguagem.

Antes de terminar esta superficial resenha do livro de José Maria Valverde, em que se descortinam valores bem situados na hierarquia intelectual, ainda uma vez lançamos breve reparo ao que se apresenta ali como conclusão. Se Cassirer – nas expressões do autor – fez excelente uso da

herança do pensador germânico, impulsionando a tarefa de esclarecer a medida e o modo em que a linguagem é a forma do pensamento humano não menos apreciável nos parece a continuidade do "espírito" humboldtiano, vislumbrada nas expressivas objeções, efetuadas por Vossler, às atuais concepções logicistas da linguagem.

§§§

É evidente que não se encontrava nos propósitos intelectuais do ensaísta espanhol – de acordo, aliás, com o que conota o título mesmo do volume – uma projeção valorativa ao âmbito da ciência da linguagem propriamente dita.

Todavia, para ilustrar o que afirmamos nas primeiras linhas deste trabalho não poderemos deixar de referir o surgimento, em nossa época, de duas valiosas produções, em que são enfocados a personalidade do sábio alemão e aspectos importantes de sua obra. São elas: **Humboldt, el Padre de la Etnolingüística**, de autoria de Germán Fernandez Guizzetti, (3) e **Sulla Tipologia Lingüística de Wilhelm von Humboldt**, da lavra de Eugênio Coseriu, (4)

Os autores são dois nomes de elevada significação no plano atual dos estudos lingüísticos. Giuzzetti, antropólogo e lingüista, mostra-nos como uma disciplina moderna – a Etnolingüística – em que os conhecimentos antropológicos e lingüísticos se interpenetram, recebeu nos alicerces influências do pensamento humboldtiano. Conseriu, o mestre reputado, agudo, crítico de idéias, esclarece como se acham equivocados os que situam o pensador tedesco, a respeito da conceituação tipológica geral das línguas, na dependência direta de A. W. Schlegel. Constitui, efetivamente, a sua monografia excelente "contributo a la crítica della tradizione lingüística".

(1) "Guilhermo de Humboldt y la Filosofia del Lenguaje" – Biblioteca Românica Hispânica – Editorial Gredos – Madrid – 1955 – 155 páginas.
(2) Wilbur Marshall Urban, "Language and Reality" – 2a. Edição – George Allen & Unwin Ltda. – Londres – 1951 – págs. 36 a 43.
(3) Giuzzetti, G. F. – Guilhermo de Humboldt, "Padre de la Etnolingüística" – Cuardernos del Inst. Nac. de Investigaciones Folklóricas – volume 1 – Buenos Aires, 1960.
(4) Conseriu, E. – "Sulla Tipologia Linguistica de Wilhem Von Humboldt – Contributo alla crítica de la tradizione lingüística – Lingue e Stile, Ano VII, No. 2 – Agosto 1973.